



<http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2023.1.44326>

SEÇÃO: LITERATURA

Imagens e palavras na literatura infantil e juvenil afro-brasileira: desconstruindo preconceitos

Images and words in children and juvenile afro-brazilian literature: deconstructing prejudices

Maria Carolina de Godoy¹

orcid.org/0000-0003-4016-3720

mcdegodoy@uel.br

Recebido em: 31 jan 2023.

Aprovado em: 12 jul 2023.

Publicado em: 17 out 2023.

Resumo: Construída no espaço escolar, a relação fraterna entre dois adolescentes, Anderson e Fabinho, é fortalecida pelos saberes do candomblé, na obra *Modupé, meu amigo*, de Stefania Capone e Leonardo Carneiro (2015), com ilustrações de Victor Tavares, selecionada para este artigo. Há o cuidado, na obra, em desconstruir os preconceitos no desenrolar da narrativa e destacar vocábulos específicos das religiosidades de matrizes africanas, contribuindo para a compreensão mais ampla de sua presença em nossa língua e cultura. A releitura de vocábulos de origem banta, na obra *Falando Banto*, de Eneida D. Gaspar (2011), também ilustrada por Victor Tavares, e a criação de novas palavras, como a poética lúdica de *Caderno de Rimas de João* (2016) e *Cadernos sem rimas da Maria* (2018), de Lázaro Ramos, ambos ilustrados por Mauricio Negro, preenchem instantes preciosos de leitura e escuta literárias, enquanto significantes e significados são desenraizados da língua cotidiana brasileira e deslizam pelos vãos da linguagem literária. Neste artigo, pretende-se analisar, nessas obras, a linguagem verbal e não verbal e o modo como contribuem para desconstruir preconceitos. Destacam-se, no debate, os estudos de Stuart Hall (2006, 2016), Sanara S. Rocha (2018) e Grada Kilomba (2019).

Palavras-chave: Literatura afro. Infantojuvenil. Preconceito.

Abstract: Built in the school space, the fraternal relationship of two adolescents, Anderson and Fabinho, is strengthened by the wisdoms of Candomblé, in the work *Modupé, meu amigo*, by Stefania Capone and Leonardo Carneiro (2015), illustrations by Victor Tavares, selected for this paper. The authors take care, throughout the work, of deconstructing prejudices along the narrative and highlight specific vocabulary of African matrix religiosities, contributing to a wider comprehension of its presence in our language and culture. The rereading of words of bantu origin, in *Falando Bantu*, by Eneida D. Gaspar (2011), illustrations by Victor Tavares, and the creation of words, like the ludic poetry in *Caderno de rimas de João* (2016) and *Caderno sem rimas de Maria* (2018), by Lázaro Ramos, both illustrated by Mauricio Negro, fulfill valuable instants of literary reading and listening, while signifiers and meanings are uprooted of the Brazilian everyday's language and slip through the gaps of literary language. In this paper, the aim is to analyze, in these works, the verbal and non-verbal languages and how they contribute to deconstruct prejudices. For this debate, we highlight studies by Stuart Hall (2006), Sanara S. Rocha (2018) and Grada Kilomba (2019).

Keywords: Afro-Brazilian literature. Children and juvenile. Prejudice.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Estadual de Londrina/Programa de Pós-graduação em Letras, Londrina, PR, Brasil

Considerações iniciais

Nas duas últimas décadas, observa-se a crescente produção da literatura infantojuvenil dedicada às temáticas relacionadas à cultura afro-brasileira e à representação de imagens de crianças negras. Algumas editoras criaram linhas específicas para produção infantojuvenil como, por exemplo, a Pallas (Pallas Mini), que se dedica à publicação de temática negra, ao lado de outros grupos: Selo Negro, Malê, Nandyala e Mazza. As obras destacadas, neste artigo, são publicações da editora Pallas, a mais antiga dentre as editoras envolvidas com essa temática.

Fundada em 1975, na cidade do Rio de Janeiro, a Pallas Editora dedica grande parte de seu catálogo aos temas afrodescendentes. [...] A editora vem também consolidando seu catálogo de literatura infantil e juvenil, com títulos em que histórias africanas e afro-brasileiras são contadas e nos quais personagens negros ocupam o lugar de protagonistas, o que é urgente e necessário em um país mestiço como o nosso. [...] Resultado de um desejo de reposicionamento de mercado, após identificar o crescimento do segmento infantojuvenil em seu catálogo, a Pallas investe na criação de seu primeiro selo editorial, a Pallas Mini, dedicado a títulos infantis, com foco em histórias africanas e afro-brasileiras, em que a cultura negra é protagonista. (PALLAS, 2023, s. p.).

O interesse crescente por essas obras reflete-se em estudos nos espaços acadêmicos, em eventos na área de literatura infantil e juvenil, e possibilita, por meio da formação docente, a inserção dessas produções nos espaços da educação básica.

Certas temáticas, como a religiosidade de matrizes africanas, exigem a quebra de barreiras erigidas sobre preconceitos, o que dificulta a presença contínua das obras afro-brasileiras, centralizadas nesse assunto, em sala de aula. A escolha da obra *Modupé, meu amigo*, de Stefania Capone e Leonardo Carneiro (2015), ilustrada por Victor Tavares, visa à análise do modo como a narrativa verbal e as ilustrações apresentam o candomblé, a partir da

relação entre amigos, no ambiente familiar, religioso e escolar. Os termos relacionados ao candomblé são postos em destaque, e há o cuidado das autoras em oferecer um glossário, ao final do livro.

Na esteira da preocupação com vocábulos, a obra *Falando Banto*, de Eneida D. Gaspar (2011), também ilustrada por Victor Tavares, apresenta de forma poética palavras de origem banta e, nas páginas finais da obra, seus significados. Significante e significado são recriados pela voz de dois irmãos, João e Maria, que se desafiam numa batalha poética em *Caderno de Rimas de João* (2016) e *Cadernos sem rimas da Maria* (2018), de Lázaro Ramos, ambos ilustrados por Mauricio Negro. As narrativas analisadas provocam rasuras no sistema de representação hegemônico, conforme discute Stuart Hall (2016), e oferecem a crianças e jovens leitores a possibilidade de vislumbrar uma linguagem verbal e não verbal de valorização da criança negra, colocando-a em situação de protagonismo.

1 Religiosidades de matrizes africanas

Construída no espaço escolar, a relação fraterna entre dois adolescentes, Anderson e Fabinho, é fortalecida pelos saberes do candomblé, prática religiosa da família deste último, na obra *Modupé, meu amigo*, de Stefania Capone e Leonardo Carneiro (2015), com ilustrações de Victor Tavares.

A temática da religiosidade de matrizes africanas parece ser um dos assuntos que mais causa polêmica, ao ser tratada no espaço educacional. Em cursos ministrados, palestras e comunicações em eventos, ouvimos de educadoras e educadores, no momento dos debates, falas conscientes da importância de tratar do tema e relatos de tensões geradas, ao levarem o assunto para aula. O preconceito enraizado, infelizmente, contra as religiões da umbanda e do candomblé³ — e, por extensão, às práticas e aos símbolos cotidianos ligados a esses saberes, como cantos, danças, colares, roupas, imagens de santos

² Essa obra está indicada pela editora na seção de literatura juvenil. Há, em comparação às outras obras estudadas neste trabalho, menor número de ilustrações com predominância da linguagem verbal. No entanto, não é essa a única característica que nos permite concordar com a indicação da editora, mas o modo como a temática das religiões de matrizes africanas está sendo abordada com maiores detalhes.

³ Há outras religiões de matrizes africanas como o culto aos voduns e a quimbanda, mas são colocadas em destaque as que aparecem de maneira mais recorrente nas obras.

etc. — está instaurado no cotidiano escolar, isto é, as crianças trazem de seus lares, muitas vezes, esse preconceito. O tema, quando comparado a outros sugeridos por obras literárias, exige do docente distante dessa religiosidade a pesquisa mais apurada para que a abordagem seja segura, capaz de sanar dúvidas e evitar tensões aguçadas, constantemente, fora do ambiente escolar.

Projetos interdisciplinares, envolvimento da equipe pedagógica, direção e comunidade podem contribuir para dissipar a nebulosidade do preconceito que cega e atinge — com violência, tantas vezes, como mostram notícias sobre ataques a casas de santos — crianças, jovens e adultos ligados a essas religiões. Na esteira desse debate, quando levado para os espaços educacionais, há de se ressaltar que, embora sejam religiões de matrizes africanas, os praticantes não são exclusivamente negros e negras; necessário acrescentar: nem todos negros e negras são participantes da umbanda e do candomblé.

As obras infantojuvenis, como *Modupé, meu amigo* colocam no contexto da família negra o tema da religiosidade como forma de desconstruir preconceitos, enaltecer raízes ancestrais, revisar representações históricas do período colonial e escravocrata que fixaram olhares racistas a mulheres, homens negros e a práticas de seus antepassados, contribuir para a compreensão do híbrido cultural brasileiro, dentre outros mercedos recortes interpretativos, fortalecendo o sentimento de pertença à comunidade, cultura e ao país. Na literatura afro-brasileira, narrativas míticas dos orixás, vocábulos do campo religioso, batidas dos atabaques, cantos, cores⁴ e ritos compõem imagens e sons da linguagem literária.

Nessa obra, cabe à organização da linguagem verbal a centralidade do tema religioso, colocado em discurso por um narrador onisciente que conta a história dos rapazes — Fabinho e Anderson — nos espaços da família, das festas de candomblé, das ruas da cidade e da escola. As ilustrações destacam as relações afetivas entre as

personagens, os espaços e enfatizam os ritos do candomblé, como mostra a imagem da festa de lemanjá⁵ na praia, que desencadeia a curiosidade de Anderson e as ações subsequentes:

Figura 1 – Festa para lemanjá



Fonte: Capone e Carneiro (2015, p. 8).

Usufruindo de um feriado na praia, os amigos observam “a chegada de um grupo de pessoas vestidas de branco, carregando flores, cestos com comida, um pequeno barco de brinquedo e três **atabaques**.” (CAPONE; CARNEIRO, 2015, p. 10, grifo das autoras). A partir dessa imagem e da dúvida de Anderson sobre o que acontecia na praia, Fabinho fala de sua religião pela primeira vez ao amigo: “— Sei, sim, Anderson. Isso é uma festa para **lemanjá**. Eles estão dando presentes, cantando e dançando para ela, que dizem que é a rainha do mar e a mãe que protege todo povo de **santo**.” (CAPONE; CARNEIRO, 2015, p. 10, grifos da autora). Na casa de Fabinho, quando os meninos retornam da viagem do feriado e se reúnem para realização de um trabalho, a imagem da praia volta à conversa, dessa vez, com a participação dos pais de Fabinho, que convidam Anderson para conhecer uma festa de terreiro dedicada a Omulu, o Olubajé.

Informações sobre o culto aos orixás, sua origem e outras explicações a respeito do candomblé são dadas a Anderson, que amplia sua pesquisa na *internet* e descobre, também, “que os cultos **afro-brasileiros** haviam sido proibidos e que seus praticantes, no passado, tinham sido

⁴ O livro *Minhas contas*, de Luis Antonio (2008), com ilustrações de Daniel Kondo, destinado ao público infantil, traz a relação estreita entre palavra e imagem ligadas às cores dos orixás.

⁵ Ao final da obra, há um glossário explicando cada um dos termos de origem africana.

discriminados e perseguidos pela polícia." (CAPONE; CARNEIRO, 2015, p. 19, grifo das autoras). Existe o cuidado do destaque em negrito dos termos desconhecidos e sua explicação em um glossário, ao final do livro. Quando chegam ao terreiro, o pai de Fabinho — Paulo — dá sequência às explicações iniciadas nas conversas anteriores e descreve o espaço, os significados dos símbolos e a organização da casa. "Em um dos cantos do barracão havia três atabaques, que logo começaram a ser tocados. Fabinho e Paulo se juntaram aos rapazes que estavam tocando os tambores." (CAPONE; CARNEIRO, 2015, p. 22).

Figura 2 – No terreiro



Fonte: Capone e Carneiro (2015, p. 20).

A ilustração mostra os homens tocando os atabaques e as mulheres sentadas, enquanto reverenciam Omulu, no canto direito, coberto de palhas. Apesar de detalhar a descrição da festa e a história de Omulu, o narrador não se atém ao porquê de serem os homens a tocarem os atabaques. É a ilustração que instiga pesquisas e debates, caso haja interesse de ampliação de conhecimento, sobre essa divisão de tarefas. No artigo "No candomblé mulher toca! A tradição reinventada", a pesquisadora Sanara S. Rocha (2018), mestrande da UFBA, resgata a narrativa em torno da criação dos tambores e das interdições impostas às mulheres para não os tocar.

O mito de criação do tambor ritual pela divindade masculina Aiyom narra a passagem deste homem dotado de enorme virilidade e força [...] que [...], após arrancar o tronco de uma árvore do seu pé sem esforço, escavou o

seu tronco deixando-o oco, e com o couro de um bode morto, vedou o tronco em ambas as extremidades, construindo, assim, o primeiro tambor ritual da história yorubana. [...] Em certa feita, após tocar incansavelmente no tambor Aiyom adormeceu num sono profundo. Ao vê-lo adormecido a sua esposa que sempre quisera aprender a tocar tambor, mas sempre foi impedida por Aiyom, tocou no instrumento sagrado. Como estava menstruada, o que no contexto desta narrativa mítica em particular, representa estar em estado de "fraqueza", o couro apodreceu ao mais leve contato das suas mãos. [...] É a partir deste mito que se associa a palavra yorubana "bajé", cujos significados extraídos do Vocabulário Yorubá são: "estragar; apodrecer; ruim; mofar, azedar" (NAPOLEAO, 2011, p. 58), dentre outras conotações negativas, ao ciclo menstrual feminino, e o tabu da mulher tocar tambor é instaurado. (ROCHA, 2018, p. 2).

A autora do artigo coloca em discussão essa interdição, levando em conta as concepções atuais de gênero e questionando a hegemonia masculina nas narrativas tidas como "verdadeiras" e "tradicionais", advindas da herança colonial. Ela discorre sobre o poder menstrual, ao contrário do interdito, e a partir de narrativas de divindades femininas, como Oxum e Oduá, resgata símbolos desse poder. Após enumerar mulheres tamboreiras em cultos no Brasil e na Nigéria, Sanara S. Rocha (2018, p. 11) conclui que

Resgatar tais narrativas e socializá-las implica diretamente em restituir a memória feminina candomblecista ao imaginário das comunidades de axé bem como reinventar toda uma tradição. Numa perspectiva feminista descolonial, mapear tais coordenadas se constitui no que Lugones (2010) compreende como uma "nova geopolítica de saber e amar", metodologia afetiva-intelectual que opera em resistência à colonialidade a partir do aprendizado que as narrativas femininas desconhecidas são capazes de imprimir ao serem trazidas à luz.

Instigada pela ilustração, a abordagem do tema da religiosidade pode ir além da narrativa verbal e possibilitar o desenvolvimento de novas formas de ver o candomblé, traduzido — na acepção de Stuart Hall (2006) — em solo brasileiro do século XXI.

No espaço escolar, quando a professora de história sugere à turma falar em diversidade religiosa, é Anderson quem discorre sobre o candomblé, sem se referir às práticas do amigo e de seus familiares. Afinal, o jovem parece entender que a

difícil tarefa de romper pensamentos equivocados, contribuir para brasileiros e brasileiras verem a beleza dos orixás e respeitarem os praticantes religiosos, acolhendo-os/as também no ambiente da sala de aula, é um caminho longo a ser trilhado.

Fabinho se sentiu muito orgulhoso da reação de Anderson, que conseguiu compreender a sua religião e transmiti-la a seus colegas de sala. Pensou naquele momento em **Oxalá**, o pai de todos os outros orixás. Agradeceu ao velho senhor da sabedoria e pediu que ele abençoasse a todos que participaram daquele momento. Fabinho olhou para Anderson e disse: – Obrigado, meu amigo! **Modupé!** (CAPONE; CARNEIRO, 2015, p. 33, grifos das autoras).

Os termos em negrito na narrativa que remetem ao glossário no final do livro — “modupé”, que dá título à obra, significa obrigado — ao serem colocados em destaque na literatura infantil e juvenil afro-brasileira, reiteram a importância do conhecimento de termos oriundos de países africanos e permitem ampliar a compreensão da história da língua portuguesa.

2 O lúdico verbal e a luta contra o preconceito

A releitura de vocábulos de origem banta, na obra *Falando Banto*, de Eneida D. Gaspar (2011), com ilustrações de Victor Tavares, e a criação de novas palavras, como a poética lúdica de *Caderno de Rimas de João* (2016) e *Cadernos sem rimas da Maria* (2018), de Lázaro Ramos, ambos ilustrados por Mauricio Negro, preenchem instantes preciosos de leitura e escuta literárias, enquanto significantes e significados são desenraizados da língua cotidiana brasileira e deslizam pelos vãos da linguagem literária. Na obra de Eneida D. Gaspar (2011), vocábulos como “Neném bagunceiro”, “Forrobodó”, “Quitutes”, “Macaco sarapantado”, “Mutreta fuleira”, “Meu cafofo”, “Nana, nenê”, “Zanzando por ai”, “Batucada”, “Fuxico no mato” dão origem a títulos de poemas e ao encadeamento de outros termos bantos. Ao final, como ocorre em *Modupé*, meu amigo, há o vocabulário para esclarecer os significados.

Forrobodó

Moleca sapeca saçarica no samba.
Senzala no braço, balangandã e miçanga,
parece mandinga.
Ela bamboleia e se arma o banzé
O bamba, embecado, cutuca o cangote:
– Caramba! Que ginga!
As sonsas cochicham:
Mas que songamonga!
(GASPAR, 2011, p. 6).

Alguns termos podem ser desconhecidos por estarem em desuso ou pertencerem a regiões brasileiras distantes do cotidiano do leitor, por isso o vocabulário⁶ é tarefa complementar de leitura. Além disso, a procura pelos significados contribui para ampliar o conhecimento de alguns termos e sua etimologia, como “senzala”.

[...] pulseira de palha trançada enfeitada com búzios, usada pelos iniciados no candomblé. Provavelmente do quicongo *senzala* (juramento). A palavra senzala significando alojamento de escravos tem origem diferente (quimbundo *sanzala*, casa de uma família). (GASPAR, 2011, p. 27).

A obra preocupa-se em explicar a origem banta dos termos e esclarece que se trata “de um grupo de línguas da África e dos povos que falam essas línguas” (GASPAR, 2011, p. 26), desfazendo o equívoco de se considerarem “línguas africanas” de modo generalizado, sem observar sua singularidade. No texto “As línguas bantas e o português no Brasil”, inserido no *Novo Dicionário Banto do Brasil*, o autor Nei Lopes (2012, p. 19) assim explica a relação entre as línguas:

Dentro do quadro da presença afro-negra no Brasil, verifica-se uma predominância das culturas bantas, que colaboraram para a formação da cultura brasileira, principalmente através de suas línguas, entre elas o quicongo, o umbundo e o quimbundo. Contestando uma suposta ascendência de línguas sudanesas, como o nagô (iorubá), no panorama das línguas africanas faladas no Brasil à época da escravidão, e que teriam modificado o falar português em nosso país, Renato Mendonça (1948 a, p. 88) escreve: “O quimbundo, pelo seu uso mais extenso e mais antigo, exerceu no português uma influência maior do que o nagô...”.

A compreensão do processo histórico de mudança de significados de vocábulos, advindos da

⁶ As fontes do vocabulário, segundo a autora, são: *Novo dicionário banto do Brasil* (LOPES, 2012) e *Mini-dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001).

época da escravidão, permite entender também de que maneira alguns termos carregam sentidos vinculados a essa condição desumana. Como exemplo, destaca-se o termo "criado-mudo", entre outros divulgados no *Dicionário de expressões (anti) racistas*: e como eliminar as microagressões do cotidiano, elaborado pela Defensoria Pública do Estado da Bahia (2021, p. 11):

Existe mais de uma explicação para esta expressão. Uma delas é a de que o nome dado a este móvel faz referência aos criados, geralmente pessoas escravizadas, que deviam segurar objetos para seus senhores e eram proibidos de falar. Alternativa: mesa de cabeceira.

Imagens e palavras recriadas na (e pela) literatura infantil e juvenil afro-brasileira contribuem para desconstrução de signos que tendem a naturalizar a representação inferiorizada de crianças, mulheres e homens negros. Para Stuart Hall (2016), os significados não são fixos, mas deslizantes, e há sistemas que procuram aprisioná-los como forma de manutenção do poder discursivo e ideológico.

[...] "naturalização" é [...] uma estratégia representacional que visa *fixar* a "diferença" e, assim, *ancorá-la* para sempre. É uma tentativa de deter o inevitável "deslizar" do significado para assegurar o "fechamento" discursivo ou ideológico". (HALL, 2016, p. 171, grifos do autor).

Stuart Hall (2016) chama a atenção para a convenção do signo linguístico e a formação de sujeitos culturais, que tendem a sistematizar as representações e de que forma essa sistematização interfere no modo como a criança constrói a visão sobre si mesma.

As crianças, inconscientemente, internalizam os códigos que as permitem expressar certos conceitos e ideias por meio de seus sistemas de representação – escrita, fala, gestos, visualização e assim por diante, bem como interpretar ideias que são comunicadas a elas usando os mesmos sistemas. (HALL, 2016, p. 43).

Grada Kilomba (2019) analisa, em seu livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, entrevistas coletadas para sua tese de doutorado em Berlim. A citação abaixo diz respeito a Alicia, uma das entrevistadas, e corrobora as ideias de Hall quanto à internalização

de um sistema de signos e representações, na construção da visão de mundo pueril.

[Quando eu era criança] quando pessoas *negras* olhavam para mim, eu sabia que eu tinha algo a ver com elas, mas não queria porque eu não queria ser vista como uma *Neger*, como eles eram. Eu pensava que havia algo muito errado com isso. Havia todas essas imagens terríveis de pessoas *negras* nos livros, por exemplo... "ou na televisão, nas notícias, nos jornais, basicamente em todos os lugares. Em toda parte... Ainda hoje, isso é tão... Então, quando criança eu não queria ser como elas e, ao mesmo tempo, eu era uma delas, e eu sabia disso. Uma situação difícil... (KILOMBA, 2019, p. 152).

A conversa entre os irmãos João e Maria acontece pela via poética em *Cadernos de Rimas do João* (2016) e *Cadernos sem rimas da Maria* (2018). Em ritmo de *rap*, o "Prólogo (Primeira garfada) – Caderno de rimas" convida a pensar sobre a construção poética.

Você sabe o que é uma rima?
Veja essa explicação
que deu Bela minha prima.
Olha só, já comecei
com uma combinada infame!
Por favor, peço uma coisa:
paciência não se inflame.
Disse Bela: Não é estranho.
É juntar fome com inhome.
O importante no jogo
é você não dar vexame.
[...]
Hip-hop vez por outra
tem disputa de MC.
Caju e Castanha,
nossos mestres do repente,
foram parar lá na TV.
(RAMOS, 2016, s.p.).

Os poemas, nos quais a função metalinguística é notória — como na obra *Falando Banto* —, recebem títulos variados, ligados ao universo infantil, ao cotidiano e às indagações sobre o mundo adulto: "Meu mundo em rimas", "Começar", "Segredo", "Mãe", "Pai", "Vovô e Vovó", "Morrer", "Gilberto Gil", "VIP", "Sonegar", "Arrumar", "Viagem", "Acaso", "Candidato", "Amigo", "Dança", "Meia", "Esporte", "Sotaque", "Livro", "Herói", "Profissão", "Amor", "Autoestima", "Saudade", "Final" e "Epílogo (A última mordida) o finzinho".

HERÓI

É aquele que inspira,
que abre um novo baú.
Por exemplo, gosto muito

do menino Kirikou.
É sabido, é ligeiro,
se parece até comigo.
Dá uma ideia engraçada
de que ele é meu amigo.

Tem herói de revistinha
que usa capa nas costas.
Mas tem os que estão bem perto,
então te faço uma proposta.
Quem está aí do seu lado
e é alguém que você gosta?
(RAMOS, 2016, s.p.).

Os poemas exploram as rimas, o ritmo e os versos ocupam de forma irregular os espaços da página, o que acentua a liberdade criadora e instiga, no leitor em formação, a curiosidade para compreender a diversificada composição poética. O eu lírico menino identifica-se com o herói Kirikou, personagem do filme *Kirikou e a feiticeira* (1998) e de uma série de livros. Bárbara Valdez, do jornal *Diário de Pernambuco* (2016, s. p.), anuncia as primeiras publicações no Brasil pela editora Viajante do Tempo e diz que a "história, voltada para o público infantil, com idade a partir de 6 anos, traz uma narrativa cheia de ação e fantasia". A notícia complementa as informações sobre a lenda do menino.

A lenda de Kirikou não tem uma origem definida, mas a história ficou conhecida depois do filme franco-belga *Kirikou e a feiticeira*, produzido em 1998, pelo diretor Michel Ocelot. Ele morou na Guiné quando criança e achou a história que mostra uma criança superdotada, predestinada a salvar sua aldeia, interessante. A produção inclusive foi apresentada em outubro passado no Cinema do Museu, em Casa Forte. Para Regis Rosa a aventura é marcante. "Essa história é uma referência para a população de origem afrodescendente e deve ser apreciada por todas as pessoas. Ela é uma maneira de valorizar a cultura africana, além disso, dá representação a um herói negro e precisamos disso", explica. (VALDEZ, 2016, s. p.).

A referência ao menino-herói, ao definir o vocábulo na primeira estrofe do poema, corrobora a importância de representações de heróis negros. O ator, Chadwick Boseman (29.11.1976 – f. 28.08.2020), protagonista do filme *Pantera Negra* (2018) e falecido precocemente, foi homenageado com o símbolo dos braços cruzados — "Wakanda Forever" —, que se tornou imagem de resistência e luta antirracista. Lewis Hamilton, primeiro negro

a correr na F1, maior piloto de todos os tempos e voz marcante na luta contra o racismo, prestou sua homenagem com o uniforme preto e o gesto.

Figura 3 – Hamilton e Boseman



Fonte: Lima (2020, s. p.).

Ao lado da religiosidade, a representação de modelos heroicos na literatura infantil e juvenil afro-brasileira, por meio de personalidades apagadas pela história oficial, contribui para evidenciar mulheres e homens negros, sem perder de vista as atrocidades da escravidão, propiciando a releitura do passado histórico e ressignificando a ancestralidade, elo entre passado e presente, como força, inspiração e pertencimento. Para as crianças e os jovens, a constatação de que há pessoas negras de destaque na história da libertação do povo negro rompe a sistematização de imagens de submissão e apatia registradas, quando há abordagem descuidada da formação cultural do Brasil e do período escravocrata.

São representações negras emergentes, que ocupam lugares onde havia o apagamento ou a ausência de protagonismo. Para crianças e jovens, elas significam fortalecimento de sua identidade em face do racismo.

A segunda e última estrofe do poema chama a atenção do leitor por apresentar-lhe outro modelo de herói, dessa vez, mais próximo e real. Estabelece-se uma rede afetiva fortalecedora: de imagens do cinema à admiração de alguém próximo. No "FINAL" — "O final, pode ser um novo ponto de partida./Pode ser o momento em que se cura a ferida." (RAMOS, 2016, s.p.) — há a ilustração de João, seu livro e uma flor-coração. Imagem da busca da rima, da poesia, da "cura da ferida" denominada racismo:

Figura 4 – João



Fonte: Ramos (2016, s.p.).

No *Caderno sem rimas da Maria* (2018), a resposta da menina ao irmão, similar à batalha de *rappers*, é sua poesia “do contra”.

[...] meu irmão João escreveu um caderno colorido, bem legal e todo em rima. Gosto muito do livreto, mas explicar não é o que me anima. Sou mais da invenção. Pra fazer provocação. Tá bom, parece que sou do contra. Mas que posso fazer, **se o oposto me deixa tonta?** (RAMOS, 2018, s.p., grifo do autor).

Apesar de dizer que prefere as “palavras inventadas”, Maria usa rimas em alguns poemas com palavras conhecidas, usufruindo da liberdade criadora e mistura das formas: “Se quiser, eu uso prosa, verso, conto: isso é o que me fascina. Joãozinho ri do meu jeito e me chama ‘atrapalhante’. Ele inventou uma palavra! E daqui sigo adiante...” (RAMOS, 2018, s.p., grifo do autor). “Esplectroso”, “denguidacho”, “liberdeito”, “jirmão”, “vestu”, “risilhuda”, “kikiu”, “ditoditoso”, “jubula” e “invençicones” surgem em meio à prosa poética de Maria, des preocupada, lúdica, sonora e colorida.

Meu cabelo é bem crespinho, uso *black* e uso cacho. Às vezes, meu pai faz carinho e a mão fica presa, parecendo um embaraço. Mas não é. É um convite pra fazer um denguidacho.

Denguidacho é um carinho mais demorado na cabeça, nos meus cachos.

E eu adoro!

(RAMOS, 2018, s.p., grifo do autor).

A ilustração radiante de Maria e da mão do pai sobre seus cabelos remete não apenas ao toque e à relação de afeto familiar, mas também sintetiza, nesse gesto, a aceitação dos cabelos, processo tantas vezes doloroso para crianças, jovens e mulheres negras. O afeto se expande para além do toque, inundando os olhos com a expressão confiante da menina, poder encantatório da imagem e das palavras, que envolvem a menina e o menino leitores (todos nós), quando reconhecem o poder de ter sua imagem sublimada na arte poética, no canto de Maria. Reconhecem o “poder-ser”.

Figura 5 – Maria



Fonte: Ramos (2016, s.p.).

Equilibrando a voz da Maria a de seu irmão, na batalha poética, há também referência cinematográfica a ser destacada. O curta de animação *Hair Love*, vencedor do Oscar 2020, mostra uma garotinha, longe da mãe, tentando arrumar seus cabelos. O pai surge e tenta ajudar a menina, o que, inicialmente, transforma-se em um desastre. Com leveza, delicadeza e não menos força de representação, o curta mostra situações difíceis, que necessitam de força, quer seja para cuidar dos cabelos, quer seja para superar uma dor.

Considerações finais

Duas notícias são destaques, enquanto ocorre a reflexão exposta neste artigo: a Lei n. 7.226/2023 (BRASÍLIA, 2023), do deputado distrital Fábio Félix (PSOL), que pune atos de racismo religioso, no Distrito Federal, conforme divulgação na Câmara Legislativa do DF, e a morte da menina negra, Rafaelly, enquanto brincava nas ruas de São João de Meriti/RJ, em virtude de bala perdida, no dia 25.01.2023, cinco dias após completar dez anos. Uma notícia mostra avanços na luta contra o racismo; a segunda, infelizmente, reitera a cena de outras notícias sobre mortes de crianças, em localidades de confrontos violentos. No núcleo desses confrontos está o pensamento racista que deve ser combatido diariamente, sobretudo na formação escolar, por meio de quebra de estereótipos, promoção de discussões sobre o tema, representações múltiplas do híbrido cultural brasileiro pela/na arte, entre outras ações. As obras analisadas neste artigo instigam a apreciação artística de palavras e ilustrações; ao mesmo tempo, ampliam os modos de ver o Brasil, quando substituem a visão hegemônica pelo hibridismo cultural.

Referências

ANTONIO, Luiz. *Minhas contas*. Ilustrações: Daniel Kondo. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BAHIA. Defensoria Pública do Estado. *Dicionário de expressões (anti) racistas: e como eliminar as microagressões do cotidiano*. Salvador: ESDEP, 2021. Disponível em: https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2021/11/sanitize_231121-125536.pdf. Acesso em: 2 set. 2023.

BRASÍLIA. Lei n. 7.226, de 23 de janeiro de 2023. Institui diretrizes e ações para o Programa Distrital de Combate ao Racismo Religioso. *Diário Oficial do Distrito Federal*, Brasília, 2023. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/df/lei-ordinaria-n-7226-2023-distrito-federal-institui-diretrizes-e-acoes-para-o-programa-distrital-de-combate-ao-racismo-religioso>. Acesso em: 2 set. 2023.

CAPONE, Stefania; CARNEIRO, Leonardo. *Modupé, meu amigo*. Ilustrações: Victor Tavares. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

GASPAR, Eneida D. *Falando banto*. Ilustrações: Victor Tavares. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

HAIR LOVE. [s. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal de Érvy Garcia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ClfAH79h4nc>. Acesso em: 22 jan. 2021.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HOUAISS, Antonio. *Mini-dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antonio Houaiss; Objetiva, 2001.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIRIKU e a feiticeira. [França: s. n.], 1998. 1 vídeo (74 min). Direção: Michel Ocelot. Publicado pelo canal Resistência do Gueto Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q4luNCxQ-gs>. Acesso em: 30 ago. 2023.

LIMA, Ísis. Pantera Negra: piloto Lewis Hamilton presta homenagem a Chadwick Boseman após quebrar recorde na F1. *TV Jornal*, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticias/2020/08/29/piloto-lewis-hamilton-presta-homenagem-a-chadwick-boseman-apos-quebrar-recorde-na-f1-194228>. Acesso em: 30 ago. 2023.

LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

PALLAS. *A editora*. Rio de Janeiro: Pallas, 2023. Disponível em: <https://www.pallaseditora.com.br>. Acesso em: 30 ago. 2023.

RAMOS, Lázaro. *Caderno de rimas do João*. Ilustrações: Mauricio Negro. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

RAMOS, Lázaro. *Caderno sem rimas da Maria*. Ilustrações: Mauricio Negro. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

ROCHA, Sanara S. No candomblé mulher toca! A tradição reinventada. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE MEMÓRIAS, CULTURA E SENSIBILIDADE: CENÁRIOS DE EXPERIÊNCIA CULTURAL CONTEMPORÂNEA, 4., 2018, Cachoeira. *Anais* [...]. Cachoeira-BA: CAHL, 2018. Disponível em: https://www3.ufrb.edu.br/eventos/4congresso_culturas/wp-content/uploads/sites/19/2019/03/ROCHA-Sanara-S.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

VALDEZ, Bárbara. Série literária sobre o herói africano Kiriku é lançada no Brasil. *Diário de Pernambuco*, 19 nov. 2016. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/11/serie-literaria-sobre-o-heroi-africano-kiriku-e-lancada-no-brasil.html>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Maria Carolina de Godoy

Professora doutora associada do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras da UEL e pesquisadora convidada do Programa de Cultura Contemporânea da UFRJ. Bolsista Produtividade 2 do CNPq.

Endereço para correspondência:

Universidade Estadual de Londrina

Rod. Celso Garcia Cid, PR 445, Km 380, Câmpus Universitário.

Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas

Londrina, PR, Brasil.

86057-970

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.